



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/ediitor:</b> Frances Dolan	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> Marriage and Violence: The Early Modern Legacy	<b>Data da ficha:</b> 12 de Julho 2018
<b>Editora:</b> University of Pennsylvania Press	
<b>Ano:</b> 2008	
<b>ISBN:</b> 978-0812240757	
<b>Páginas:</b> 248	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Produto da reforma protestante, aparece em Inglaterra, durante o Renascimento, uma nova conceção de casamento: o casamento como parceria entre iguais. O seu potencial nunca verdadeiramente chegou a concretizar-se porque esbarrava com a hierarquia que colocava o homem como chefe de família. Para além disso, a ideia de casamento como um contrato entre partes iguais, motivadas pelo seu próprio interesse, coexistia mal com a noção de casamento como fusão mística que extingue a individualidade dos parceiros. Apesar de insistirem na igualdade, os renascentistas mantinham relativamente a ela um certo ceticismo. Associavam a igualdade ao conflito, com a implicação de que, ao confrontarem-se como iguais, só um dos parceiros poderia sair vencedor. O conflito só poderia ser resolvido elevando um dos parceiros acima do outro. Dolan diz-nos que o casamento deve ser visto como uma “economia de escassez” no contexto da qual só há espaço para uma pessoa. Quando se confrontam como indivíduos com o mesmo potencial e interesses potencialmente diferentes, o casamento gera violência, e esta só pode ser mitigada com mais violência: de cariz espiritual (uma luta pela salvação), de natureza física ou como repressão. Dolan centra-se na forma como esta “impossibilidade” de haver entendimento entre as duas partes foi produzida historicamente.

Na base desta lógica de “supremacia do vencedor” (“winner-take-all”) estava a ideia renascentista do “indivíduo possessivo” (o termo é de C. B. Macpherson), proprietário das suas capacidades. Note-se que esta noção do indivíduo não era exclusivamente masculina. Para ser soberana enquanto esposa, a mulher também era incitada a domar e anexar a subjetividade do marido. Este conceito de Macpherson

continua a apresentar problemas para as democracias liberais. Neste contexto, Dolan cita Wendy Brown, que nos fala de “familiarismo liberal”, isto é, o modo como a família naturaliza uma “desigualdade estrutural” ao presumir a posição dominante – não-violenta – do patriarca sobre a família. De facto, a teoria liberal da natureza prevê o conflito entre iguais mas não entre gente dominante e dominada. Segundo esta lógica, as hierarquias resolvem o conflito ao passo que a igualdade o promove. Assim, a economia de escassez descrita por Dolan estende-se do casamento ao resto da sociedade, estando o individualismo de uns subordinado ao “altruísmo familiar” de outros. Por exemplo, sempre se disse que ao reivindicarem mais direitos como indivíduos, as mulheres estavam a sacrificar a estabilidade da família. O problema, diz-nos Brown/Dolan, é que a noção liberal de indivíduo depende precisamente deste tipo de sacrifício ou “altruísmo familiar”.

Presume-se muitas vezes que ao passarmos do “sacramento” ao “contrato” (transição associada à passagem do feudalismo para o capitalismo, do catolicismo para o protestantismo) houve um certo progresso. Dolan diz que se nos centrarmos nas recentes vitórias cívicas das mulheres (acesso ao trabalho, criminalização da violência doméstica, leis do divórcio, etc.) aquilo que não mudou tende a passar despercebido.

Ao estendermos o casamento a pessoas do mesmo sexo, devemos também reformar a instituição em si, libertando-a da herança renascentista. Será demasiado otimista dizer-se que nos dias de hoje o casamento é neutro em termos de género. Muitos posicionaram-se contra o casamento homossexual porque pensavam que este tornaria a instituição mais igualitária, obrigando as partes a negociarem os termos da sua relação. Como Dolan tenta demonstrar neste livro, esta progressão do casamento em direção à igualdade nunca verdadeiramente foi concluída; o processo está ainda em curso. Na verdade, os casamentos entre pessoas mesmo sexo são afetados pelos problemas. Diz-se que a violência entre casais do mesmo sexo não é um problema de género, mas estes conflitos podem resultar da desigualdade estrutural que está na base do modelo heterossexual de casamento que também herdaram. Pôr em causa este modelo implica alterar o modelo económico dominante, baseado na escassez de recursos e na redução ao mínimo do acesso a garantias básicas.

### **1.2. Palavras-chave:**

Casamento; Renascimento; Igualdade; Economia de Escassez; Violência; Indivíduo Possessivo; Familiarismo Liberal; Altruísmo Familiar; Casamento Gay;

Grupo Intersexualidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Dolan, Frances (2008), *Marriage and Violence*. University of Pennsylvania Press.